

# 2017 EM DEBATE

## OPINIÃO PÚBLICA E CONJUNTURA POLÍTICA

Um periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública,  
Marketing Político e Comportamento Eleitoral

Ano 9 - N. 02  
Agosto de 2017  
ISSN: 2176 - 4883



### DOSSIÊ

#### Crise política no Brasil: Qual a saída?

Guilherme S. Reis

João Feres

Alberto Almeida

Teresa Kerbauy

Bruno W. Reis

OPINIÃO

Esther Solano

PESQUISANDO

Gláucio Soares

RESENHA

Angélica Bicego

Diana Kalazans



Periódico Eletrônico do Grupo de Pesquisa  
Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral  
Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Presidente Antônio Carlos 6627  
Campus Pampulha - CEP 31270-901 - Belo Horizonte - MG - Brasil - Tel (31) 34093823

## DOIS PREFEITOS, DUAS MEDIDAS: A LUA DE MEL NA GRANDE IMPRENSA PAULISTA

João Feres Júnior  
Pesquisador do IESP – UERJ  
✉ jferes@iesp.uerj.br

Eduardo Barbabela  
Pesquisador do IESP – UERJ  
✉ dududefigueiredo@hotmail.com

**Resumo:** Neste artigo averiguamos a adqueção de se expandir o conceito de Lua de Mel, período de trégua por parte da oposição e da mídia que políticos eleitos em tese desfrutariam, para descrever o tratamento recebido pelos dois mais recentes prefeitos da cidade de São Paulo, Fernando Haddad (PT) e João Doria (PSDB). Para tal, fazemos uma análise de valências das matérias publicadas nas capas e páginas de opinião dos dois principais jornais paulistas, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo durante os primeiros 150 dias de seus mandatos. Além de testarmos a hipótese da existência de Lua de Mel nas eleições recentes para prefeito da cidade de São Paulo, também examinaremos a hipótese secundária de que tal tratamento foi semelhante em intensidade e perfil para cada um dos prefeitos em começo de mandato. Os resultados mostram que houve Lua de Mel somente para Doria, pois Haddad não recebeu qualquer trégua da cobertura jornalística, e que tal Lua de Mel terminou em torno do final do seu terceiro mês de mandato, prazo similar ao que a literatura norte-americana estima para os presidentes daquele país.

**Palavras-chave:** Jornais Impressos, Imprensa Paulista, Prefeitura; PT; PSDB; Lua de mel; Análise de Valências

**Abstract:** In this article we investigate the idea of expanding the concept of honeymoon, a period of truce by the opposition and the media that elected politicians would enjoy, to describe the treatment received by the two most recent mayors of the city of São Paulo, Fernando Haddad (PT) and João Doria (PSDB). To do this, we analyze the stories published in the covers and pages of opinion of the two main newspapers of São Paulo, Folha de S. Paulo and S. Paulo during the first 150 days of their mandates. Besides testing the hypothesis of the existence of honeymoon in the recent elections for mayor of the city of São Paulo, we will also examine the secondary hypothesis that such treatment was similar in intensity and profile to each of the mayors at the beginning of the term. The results show that there was Honeymoon only for Doria, since Haddad did not receive any respite from the journalistic coverage, and that such a Honeymoon ended around the end of its third month in office, a period similar to that estimated in North American literature For the presidents of that country.

**Keywords:** Printed Newspapers, Press Paulista, City Hall; PT; PSDB; Honeymoon; Valuation Analysis

A literatura norte-americana de Ciência Política identificou que presidentes recém-eleitos gozam de um período de trégua tanto por parte da grande imprensa quanto da oposição política, ou seja, dos derrotados no pleito. Esse período é denominado "Lua de Mel". O conceito foi desenvolvido para analisar relações entre o executivo nacional, legislativo, sistema político e opinião pública. Em artigo recente, o usamos para comparar o tratamento dedicado a Dilma Rousseff e a Michel Temer nos períodos imediatamente posteriores às suas posses na presidência.<sup>1</sup>

Neste artigo, procuramos expandir o uso do conceito de Lua de Mel, aproveitando o fato de que 2016 foi ano de eleições municipais no país, e testando a hipótese de que prefeitos da maior cidade brasileira, São Paulo, contariam também com tal tratamento, ao menos no que se refere à cobertura dos dois principais jornais paulistas, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo. É importante notar que estes formam junto com O Globo, do Rio de Janeiro, o grupo dos três *quality newspapers*<sup>2</sup> mais vendidos no país. Trata-se aqui de um dado não fortuito, pois essa imprensa, que se apresenta como “séria”, apregoa padrões elevados de profissionalismo em suas práticas jornalísticas que incluem, entre outras coisas, isenção, equilíbrio e pluralismo na cobertura (Folha De S. Paulo (Firm), 1992; Marinho *et al.*, 2011). Assim, ao testarmos a hipótese da existência de Lua de Mel nas eleições recentes para prefeito da cidade de São Paulo, também examinaremos a hipótese secundária de que tal tratamento foi

---

<sup>1</sup><http://www.manchetometro.com.br/index.php/publicacoes/serie-m/2017/04/24/de-dilma-a-temer-o-cao-de-guarda-e-a-lua-de-mel/>

<sup>2</sup>Um *quality paper* ou *quality newspaper* é definido da seguinte maneira pelo Oxford English Dictionary: “A newspaper, typically a broadsheet, that is considered to deal seriously with issues and to have high editorial standards”. Esse conceito, também às vezes referido coletivamente como *quality press*, surgiu no Reino Unido para diferenciar a imprensa “séria” dos tabloides sensacionalistas.

semelhante em intensidade e perfil para cada um dos prefeitos em começo de mandato.

O peessedebista João Doria foi eleito com 53,29% dos votos, já no primeiro turno, e sua administração teve início em janeiro de 2017. A vitória convincente no maior colégio eleitoral do país em sua primeira candidatura política alçou Doria à condição de potencial candidato a Presidência da República em 2018. O político do PSDB foi precedido na prefeitura por Fernando Haddad, um quadro do Partido dos Trabalhadores (PT) que, apesar de já ter atuado como Ministro da Educação durante os dois governos do ex-presidente Lula, também assumiu na Prefeitura de São Paulo seu primeiro cargo eletivo. Na verdade, a semelhança é ainda maior, pois Doria também havia no passado exercido cargo importante no Governo Federal. Entre 1987 e 1988 ele foi presidente da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), uma autarquia especial do Ministério do Turismo.

O número de dias que dura a Lua de Mel é arbitrário e nos Estados Unidos assume-se que o número 100 é uma boa estimativa. Neste artigo vamos analisar os primeiros cinco meses de mandato, ou 151 dias da cobertura de ambos os prefeitos da capital paulista pois só faz sentido falarmos de Lua de Mel se ela tem fim, ou seja, se o comportamento da mídia em relação ao prefeito se altera depois do período de “trégua”. Levamos em conta os textos publicados nas capas e nas páginas de opinião dos dois jornais paulistas, já devidamente codificados no âmbito do projeto Manchetômetro. A metodologia empregada no exame dos textos foi a análise de valência, que consiste em atribuir os valores

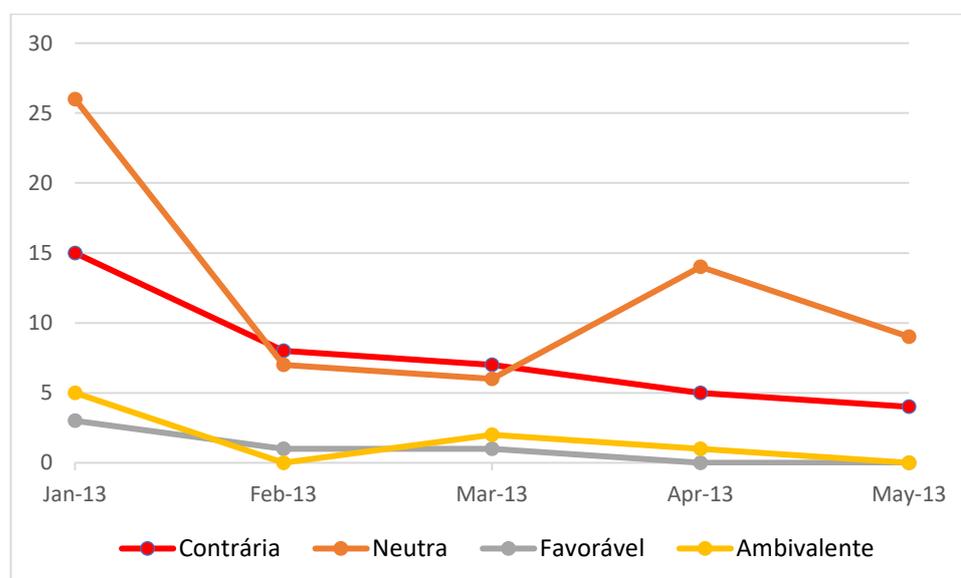
favorável, contrário, neutro ou ambivalente para cada uma das matérias e manchetes, em relação a seu respectivo objeto.<sup>3</sup>

### Fernando Haddad

Em janeiro de 2013, o petista Fernando Haddad assumiu a missão de administrar a cidade de São Paulo. Nos seus primeiros 151 dias à frente da prefeitura, foi objeto de 114 textos nas capas e páginas de opinião dos dois jornais. No agregado do período, a proporção de neutras em relação ao total de matérias foi de 54%, a de contrárias 34%, enquanto favoráveis e ambivalentes foram bastante raras, 4% e 7%, respectivamente.

A distribuição temporal de sua cobertura no agregado dos jornais apresenta o perfil abaixo:

**Gráfico 1 – Série temporal de valências de Haddad na Folha e no Estadão (capa e páginas de opinião)**



<sup>3</sup>Para uma discussão mais aprofundada sobre essa metodologia ver (MIGUEL, 2015; FERES JÚNIOR, 2016b; a).

DOSSIÊ  
JOÃO FERES JÚNIOR, EDUARDO BARBABELA  
DOIS PREFEITOS, DUAS MEDIDAS: A LUTA DE MEL NA GRANDE IMPRENSA PAULISTA

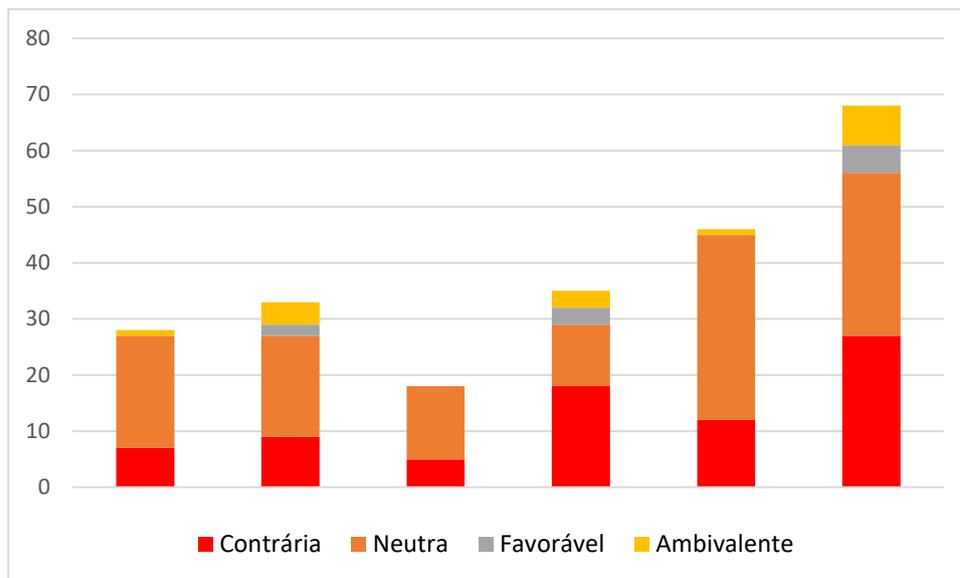
Fonte: Manchetômetro

A primeira característica que chama atenção, conforme demonstra o gráfico 1, é a queda abrupta na quantidade de textos sobre o prefeito Haddad logo no segundo mês de sua gestão. As análises do Manchetômetro mostram que, com raras exceções, como Fernando Henrique no pleito presidencial de 1998, políticos recebem uma cobertura dominada por neutras e negativas, e com baixa incidência de matérias favoráveis. A cobertura de Fernando Haddad segue essa tendência geral. No entanto, o resultado de Haddad é digno de nota pois tal dominância de neutras e contrárias caracteriza períodos de normalidade e não a suposta Lua de Mel, quando a neutralidade deveria imperar e as negativas mostrarem pouco resultado. Entretanto, o número de notícias negativas começa bastante alto em janeiro e ultrapassa o de textos neutros para o prefeito do PT, ainda que por pouco, nos meses de fevereiro e março. Notícias ambivalentes ou favoráveis apareceram de maneira muito esparsa na cobertura do prefeito ao longo do período estudado.

Vejamos agora se houve diferença de perfil na cobertura de cada jornal e na comparação entre capas e páginas de opinião. O gráfico abaixo dá conta de ambos os aspectos.

**Gráfico 2 – Valências Haddad por tipo de página e jornal**

DOSSIÊ  
JOÃO FERES JÚNIOR, EDUARDO BARBABELA  
DOIS PREFEITOS, DUAS MEDIDAS: A LUTA DE MEL NA GRANDE IMPRENSA PAULISTA



Fonte: Manchetômetro

O primeiro dado a se notar é que não identificamos textos favoráveis a Haddad nas capas dos jornais. Já nas páginas de opinião, os favoráveis aparecem em uma relação de um para cinco textos contrários. Nas capas, a Folha concedeu mais espaço a notícias sobre Fernando Haddad que o Estadão, sendo que ambos fizeram uma cobertura majoritariamente neutra neste espaço, com uma porcentagem de notícias contrárias ligeiramente menor na Folha (25%) que no Estadão (28%). Já nas páginas de opinião, que incluem artigos e editoriais, o prefeito foi objeto de 33 textos na Folha, número muito próximo ao do Estadão, 35. A distribuição de valências foi bastante distinta nestas páginas se compararmos os dois jornais: a Folha cravou 27% (9) de textos contrários e o dobro, 54% (18) de textos neutros. Já o Estadão quase inverteu essa proporção ao publicar 51% (18) de textos de opinião contrários para 31% (11) de neutros.

Para além do padrão de favoráveis anotado acima, inexistente nas capas e modesto nos textos de opinião, duas características reveladas pelo gráfico 2 devem ser ressaltadas: primeiro, a prevalência de neutralidade nas capas, a despeito da presença de um número não desprezível de contrárias, e, segundo,

a disposição bem mais contrária do Estadão, quase o dobro de notícias contrárias e a metade de neutras de seu parceiro paulista. Ainda assim é preciso anotar que, em si, a cobertura da Folha de S. Paulo está longe de ser favorável à Haddad. Durante o período ele recebeu míseros dois textos de opinião favoráveis no jornal.

Vejamos agora como foi o tratamento recebido pelo prefeito do PSDB.

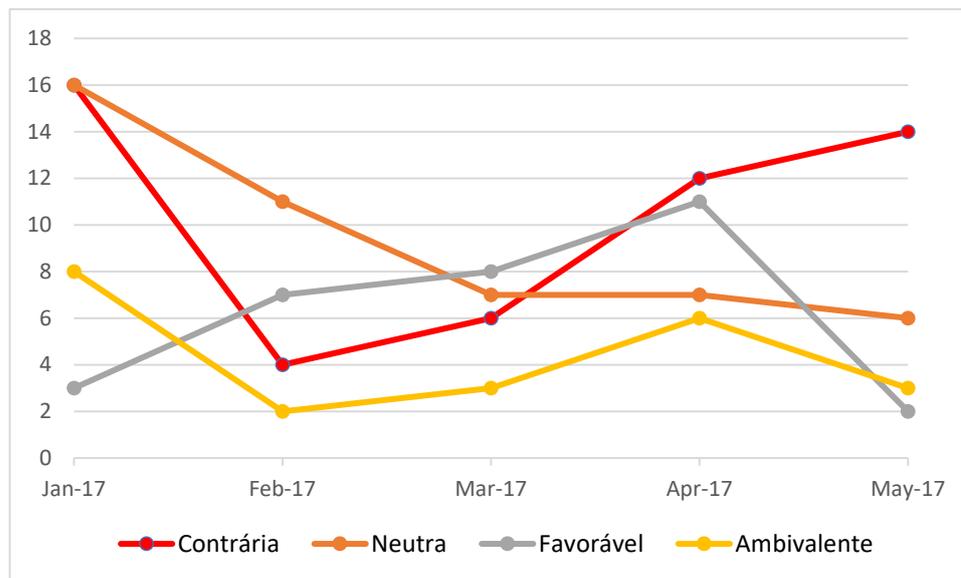
### **João Doria**

O novo prefeito de São Paulo, João Doria, assumiu a Prefeitura em 2017 e logo começou a ganhar o espaço nas páginas dos jornais. O número total de textos dedicados a Doria é 33% superior ao de Haddad para o mesmo período. Sua proporção agregada de contrárias é exatamente igual a de Haddad, 34%, mas Doria recebe uma proporção menor de neutras, 31% e bastante significativa de favoráveis, 20%, além de também obter uma taxa duas vezes maior de ambivalentes em relação a seu predecessor petista, 14%. Ou seja, no agregado podemos dizer que os jornais tiveram disposição similar para criticar os dois políticos, mas bem distinta para simplesmente noticiá-los e para elogiá-los.

Vejamos como foram distribuídas as valências das notícias a respeito do prefeito peessedebista:

**Gráfico 3 – Série temporal de valências de Doria na Folha e no Estadão (capa e páginas de opinião)**

DOSSIÊ  
 JOÃO FERES JÚNIOR, EDUARDO BARBABELA  
 DOIS PREFEITOS, DUAS MEDIDAS: A LUTA DE MEL NA GRANDE IMPRENSA PAULISTA



Fonte: Manchetômetro

A cobertura dos primeiros meses de Doria tem desenho bastante distinto da de Haddad. Excetuando o primeiro mês, no qual ambos os candidatos tiveram número alto de textos nas três valências principais (favoráveis, contrários e neutros), notamos claramente que enquanto Haddad penou com a prevalência de negativas em fevereiro e março, Doria teve um aumento do número de favoráveis por três meses seguidos, alcançado o recorde de 11 no mês de abril. Nesse mesmo mês o número de favoráveis de Haddad foi zero.

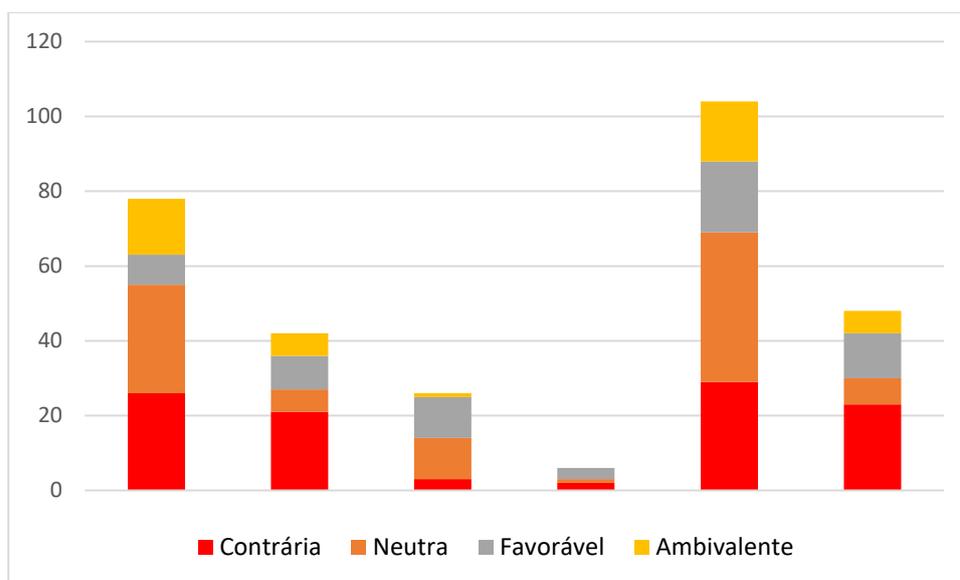
A comparação mostra que de fato houve Lua de Mel para Doria e ela durou aproximadamente o mesmo período adotado pela literatura norte-americana, em torno de 100 dias. No mês de maio João Doria patrocinou uma ação da prefeitura coordenada com a polícia na região do centro de São Paulo conhecida como "Cracolândia" =, causando a expulsão massiva de usuários e moradores de rua e até a morte de pessoas, o que lhe custou pesadas críticas e marcou o término de sua Lua de Mel com a imprensa.

Nossa comparação também mostra que Haddad, do PT, não gozou de simpatia comparável por parte dos grandes jornais impressos e já começou seu mandato com uma cobertura de perfil desfavorável. Ainda que a curva de

contrárias mostre decréscimo ao longo do período, ele não contou com a simpatia de matérias favoráveis e ambivalentes que marcaram a Lua de Mel de seu sucessor tucano.

A diferença não para aí, como revela o gráfico abaixo.

**Gráfico 4 – Valências Doria por tipo de página e jornal**

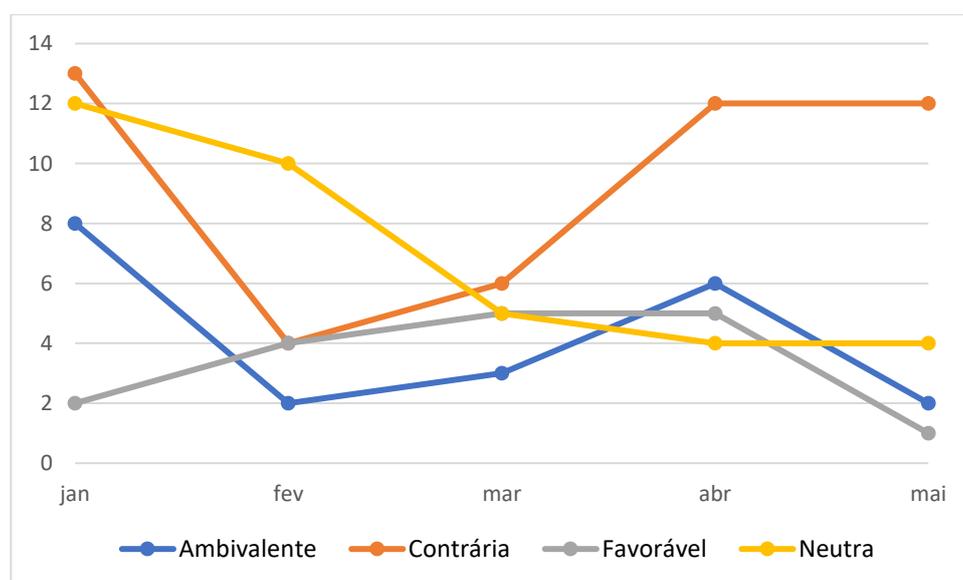


Fonte: Manchetômetro

De maneira geral a comparação desse gráfico com o de Haddad mostra uma diferença substancial entre um jornal e outro. Enquanto ambos se comportaram de maneira similar em relação ao prefeito petista, tanto na intensidade da cobertura (número total de textos dedicados ao assunto) quanto em seu perfil (proporção de valências), a intensidade foi marcadamente diferente na cobertura de Doria. A Folha de S.Paulo publicou no período quatro vezes mais textos sobre o tucano do que seu par, 120 contra 32. É curioso notar que a despeito da grande diferença de ativação de cada cobertura em relação ao prefeito, o Estadão foi publicou praticamente só matérias favoráveis e neutras. Mesmo em maio, com o fracasso da intervenção na "Cracolândia", Doria recebeu somente dois textos negativos no jornal. Na verdade, a cobertura

dispensada a Dória pelo Estadão é tão exígua e benigna que o efeito Lua de Mel notado antes pode ser atribuído quase que exclusivamente à Folha, como mostra o gráfico abaixo:

**Gráfico 5 – Série temporal de valências de Dória na Folha (capa e páginas de opinião)**



Durante os três primeiros meses da cobertura, ou seja, aproximadamente 100 dias, a Folha tratou Dória com um número grande de notícias neutras e com favoráveis em número comparável às contrárias – luxo não dispensado pelo jornal ao prefeito petista. Com o fatídico episódio de maio, a Lua de Mel se encerrou.

Voltando à comparação do gráfico 4 com o 2, notamos claramente a presença de textos favoráveis a Dória nas capas dos dois jornais, algo ausente no caso de Haddad. Também um significativa maior abundância de textos ambivalentes para Dória. A maneira mais clara de obtermos uma comparação abrangente entre as coberturas dos dois prefeitos é calcular o Índice de Viés (IV) de cada jornal para cada prefeito. Fazemos isso com uma fórmula simples:  $IV = (F-C)/(N+A)$ , onde F é o número de favoráveis, C o número de

contrárias, N o número de neutras e A o número de ambivalentes. Tal fórmula tem essa forma de razão entre duas grandezas porque é razoável assumir que o viés negativo ou positivo da cobertura é afetado pelo número de neutras e ambivalentes. Isto é, uma coisa é ter 10 matérias negativas diluídas em meio a 100 neutras, outra bem diferentes é ter 10 negativas e 5 neutras e uma ambivalente, por exemplo.

Reduzindo o período de análise aos três primeiros meses, de janeiro a março, ou seja, aproximadamente o período da Lua de Mel “clássica”, obtemos os seguintes valores do IV: Haddad teve -0,37 na Folha e -0,87 no Estadão, confirmando nosso diagnóstico anterior de negatividade geral da cobertura do petista e de intensidade maior de negatividade por parte do jornal da família Mesquita. Já Doria marcou IVs de -0,12 na Folha e de 1,5 no Estadão. Assim, a Folha apresentou um índice negativo, mas bem reduzido, enquanto que o Estadão tratou Doria de maneira marcadamente positiva, como denotam o sinal do IV e sua grandeza.

### **Conclusões**

Essa breve análise comparada das coberturas dos prefeitos da cidade de São Paulo, Fernando Haddad e João Doria revela uma mistura de coisas que já sabíamos com novidades. O viés da grande mídia brasileira contra o PT e seus políticos vem sendo detectado pela literatura especializada no estudo da mídia há décadas. Nossa contribuição vem se somar a essa literatura. Outra confirmação é a distância relativa entre Folha e Estadão nesse âmbito. Ambos mostram claro viés antipetista, mas o Estadão o faz de maneira mais acentuada do que a Folha – talvez “descarada” seja o adjetivo mais correto aqui.

As novidades encontradas dizem respeito ao teste da hipótese da Lua de Mel. De fato, fomos capazes de identificá-la na cobertura dispensada pela Folha de S. Paulo a João Doria. Mas aí é que as coisas também complicam, pois tal

comportamento não foi dispensado pelo jornal da família Frias ao prefeito petista. Ou seja, a Lua de Mel existe para prefeitos da cidade de São Paulo, mas ela é dispensada de maneira discricionária e nem por todos os jornais. Poderíamos conjecturar que Doria goza no Estadão de uma Lua de Mel perene, pois mesmo quando do *affair* "Cracolândia" o jornal evitou criticá-lo, mas tal afirmação cancela o próprio sentido do conceito, que é de comportamento restrito a um período. Em outras palavras, a hipótese principal é confirmada, mas a secundária, da igualdade de tratamento dos prefeitos, é rejeitada.

A Lua de Mel de Doria na Folha não foi destituída de críticas, mas teve também muitos afagos. Os estudos da cobertura midiática de prefeitos de grandes cidades é um tópico ainda muito pouco explorado. A codificação contínua feita pelo Manchetômetro vai nos permitir comparar as coberturas de maneira mais minuciosa, à medida que Doria avança em sua gestão – isso se ela não for interrompida por uma possível candidatura sua à Presidência da República. Contudo, se por um lado tal evento cancela a possibilidade de comparações de longo período com a cobertura de Haddad, por outro abre outras possibilidades de análise do comportamento da grande mídia nacional, um dos atores políticos mais exaltados e menos sujeitos a qualquer tipo de *accountability* que temos hoje em nossa alquebrada democracia.

### Referências

FERES JÚNIOR, J. Análise de valências, debate acadêmico e contenda política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 20, p. 313-322, 2016a. ISSN 0103-3352. Available at: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522016000200313&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522016000200313&nrm=iso)>.

\_\_\_\_\_. Em defesa das valências: uma réplica. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 19, p. 277-298, 2016b.

## DOSSIÊ

JOÃO FERES JÚNIOR, EDUARDO BARBABELA

DOIS PREFEITOS, DUAS MEDIDAS: A LUTA DE MEL NA GRANDE IMPRENSA PAULISTA

FOLHA DE S. PAULO (FIRM). Novo manual da redação. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992. 331 p.

MARINHO, R. I.; MARINHO, J. R.; MARINHO, J. R. Princípios editoriais do Grupo Globo. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>.

MIGUEL, L. F. Quanto vale uma valência? *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 17, p. 165-178, 2015.